



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 9 | Nº. 16 | Jan./Jun. de 2017

**Elisgardênia de Oliveira
Chaves**

*Faculdade de Filosofia Dom
Aureliano Matos FAFIDAM/UECE*

elis_gardenia@yahoo.com.br

LIVRES, ESCRAVOS E FORROS NOS REGISTROS DE CASAMENTOS E BATISMOS NAS FREGUESIAS DE ARACATI E DE RUSSAS, CEARÁ (1720-1820)

RESUMO

Baseado na documentação paroquial de casamentos e batismos, inerentes às freguesias de Aracati e de Russas, Ceará, no período de 1720 a 1820, este artigo apresenta um estudo quantitativo da formação social nas duas freguesias com ênfase nas categorias jurídicas livres, escravos e forros.

Palavras-chave: Aracati e Russas; casamentos e batismos; livres, escravos e forros.

RESUMEN

Sobre la base de la documentación parroquial de bodas y bautizos, inherentes a las parroquias de Aracati y Russas, Ceará, en el período 1720-1820, este artículo presenta un estudio cuantitativo de la formación social en las dos parroquias con énfasis en las categorías legales libres, esclavos y los esclavos liberados.

Palabras-clave: Aracati y Russas; bodas y bautizos; libres, esclavos y los esclavos liberados.

1 INTRODUÇÃO

O início do processo de colonização na capitania do Ceará, além de outras sertanejas, a exemplo do Piauí, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, se deu a partir do século XVII. A implementação das fazendas de criar, o movimento das boiadas e o desenvolvimento da agricultura, em grande medida, foram responsáveis pelo processo de conformação e mobilidade social, econômica e cultural da capitania.

O estudo sobre os registros paroquiais de casamentos e batismos, referentes ao período de 1720 a 1820 e as freguesias de Aracati e Russas, partes integrantes da ribeira do Jaguaribe no Ceará, possibilitou perceber como essa realidade foi construída e/ou reconstruída por uma formação social econômica baseada no trabalho livre e escravo. Para uma melhor compreensão sobre essa formação o artigo problematiza a dinâmica de inserção dos elementos escravos e forros no processo de colonização do Ceará, mas especificamente nas freguesias de Aracati e Russas.

2 CASAMENTOS E BATISMOS DE ARACATI E RUSSAS: DADOS POPULACIONAIS SOBRE LIVRES, ESCRAVOS E FORROS

Aracati e Russas eram pontos integrantes da ribeira do Jaguaribe. A ribeira jaguaribana, ou Baixo Jaguaribe como é conhecido atualmente, foi uma das principais vias de conquista e ocupação do Siará Grande. No decorrer do processo de colonização esse espaço se transformou em importante centro de concentração populacional da capitania, bem como de mobilidade geográfica, posto que, pelas estradas que lhe atravessavam, integrava-se a outras ribeiras, às capitanias circunvizinhas, ao interior da colônia e aos circuitos atlânticos.

Ligados pela estrada Geral do Jaguaribe, Aracati constituiu-se em um dos principais portos de chegada e saída de produtos, pessoas e culturas. Russas, por sua centralidade nessa estrada transformou-se em lugar de passagem das boiadas que vinham da ribeira do Icó e rumavam para Aracati. Em outras palavras, as duas freguesias se forjaram concomitantemente, num lugar de contato entre as vilas e lugarejos do sertão que, por mar ou por terra, se conectaram a outras capitanias, ao Brasil e a outros continentes a exemplo da África e da Europa.

Segundo dados apresentados por Pedro Alberto Silva¹, no ano de 1763, a população da capitania do Ceará foi calculada em 17.010 habitantes, dos quais 2.128 eram escravos e 14.882 eram livres. Para o ano de 1813, o autor apresenta dados populacionais referentes a 148.745 habitantes, divididos entre 17.208 escravos e 131.537 livres. O crescimento demográfico significativo no período de 50 anos no Ceará – 1763 a 1813 – deveu-se ao desenvolvimento da pecuária, bem como ao ingresso do algodão no setor exportador, que juntos demandaram incremento de mão de obra livre e escrava. No processo de colonização a população de Aracati e Russas refletia seu dinamismo econômico e social que se manifestavam, por exemplo, na importação de escravos. A reprodução da população cativa se deu por via tráfico de cativos e por reprodução endógena.

O termo escravo(a) implica a condição dada aos indivíduos; era, portanto, uma maneira de classificação social. Juridicamente falando, no Brasil - na Colônia e no Império - as condições sociais atribuídas às pessoas eram três: livre, escravo e forro. Para além dessas três categorias, alguns indivíduos poderiam viver/estar ainda em subcondições, como “administrado”. Esse termo era usado para designar um índio ilegalmente escravizado. Os senados das Câmaras indicavam os colonos administradores que deveriam doutrinar os nativos na fé cristã. Mas, na verdade, “usada como um pretexto para inserir as populações nativas no mundo civilizado e católico, por meio da catequese, sob os auspícios de seus senhores, a administração, as mais das vezes, se prestava à apropriação indiscriminada da força de trabalho das populações nativas”.² Outra categoria de subcondição era o coartado, isto é, “um escravo em período de libertação, detentor de ‘direitos’ especiais – como não ser vendido, alugado ou cedido no período da coartação –, assim reconhecido pela Justiça”.³

Na documentação de casamentos e batismos de Aracati e Russas só se encontram duas categorias de classificação: escravos e forros. Os demais sem referência à condição, suponho serem livres. Possivelmente no meio dessa suposta população de

¹ SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *História da escravidão no Ceará: das origens a extinção*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002, p. 33 e 70.

² REZENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios brasílicos: índios coloniais em Minas Gerais setecentista*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003, p. 143.

³ PAIVA, Eduardo França. *Dar nome ao novo: uma história lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

livres se encontram registros de forros ou libertos. Com exceção dos homens livres casados de Russas (89,8%) e dos batismos dessa freguesia, onde os assentos de livres representam em torno de 80%, nas duas ordens de registros, para as duas freguesias, o índice da população livre corresponde a pouco mais de 90% dos números.

Os matrimônios envolvendo escravos em Aracati – 113 homens e 112 mulheres - se iniciam concomitantemente aos assentamentos dos registros paroquiais das pessoas livres da vila, ou seja, na década de 1740. Acentua-se a partir da década de 1780, cresce em 1800 e decai nos decênios de 1790 e 1810. Os casamentos envolvendo forros ou libertos, embora em menor número – 14 forros e 14 forras - em linhas gerais obedecem essa mesma lógica de distribuição temporal. É o que podemos observar na Tabela 1.

TABELA 1 - Sexo e condição social nos registros de casamentos, freguesia de Aracati, 1740-1820

Décadas e sexo	Homens				Mulheres				
	Cond.	Liv.	Esc.	For.	Total	Liv.	Esc.	For.	Total
1740		11	2	-	13	11	2	-	13
1750		63	4	-	67	63	4	-	67
1760		39	5	-	44	40	4	-	44
1770		50	3	1	54	46	7	1	54
1780		289	31	4	324	290	30	4	324
1790		417	27	3	447	419	26	2	447
1800		395	32	5	432	395	31	6	432
1810		186	9	1	196	187	8	1	196
0000		7	-	-	7	7	-	-	7
Total		1457	113	14	1584	1458	112	14	1584
%		91,9	7,1	0,8	100	92	7	0,8	100

FONTE: Assentos de casamentos da freguesia de Aracati (1740-1820), livros 01 ao 04. (ADLN)

Os matrimônios de escravos em Russas – 93 homens e 87 mulheres - iniciam-se em 1750, uma década depois dos casamentos de pessoas livres. A partir de 1770 crescem significativamente, decrescendo nas duas últimas décadas em análise, 1800 a 1820. A inserção de forros – 13 libertos e sete libertas – também segue essa lógica de distribuição, sendo que nessa freguesia os forros começam a ser registrados uma década depois em relação aos escravos, isto é, em 1760. (Tabela 2)

TABELA 2 - Sexo e condição social nos registros de casamentos, freguesia de Russas, 1740-1820

Décadas e sexo	Homens				Mulheres				
	Cond.	Liv.	Esc.	For.	Total	Liv.	Esc.	For.	Total
1740	10	-	-	-	10	10	-	-	10
1750	18	6	-	-	24	21	3	-	24
1760	35	4	5	-	44	39	4	1	44
1770	185	19	1	-	205	182	23	-	205
1780	272	23	5	-	300	275	24	1	300
1790	219	27	1	-	247	221	24	2	247
1800	129	10	1	-	140	133	5	2	140
1810	6	-	-	-	6	6	-	-	6
0000	63	4	-	-	67	63	4	-	67
Total	937	93	13	1043	950	87	6	1043	
%	89,8	8,9	1,2	100	91	8,3	0,5	100	

FONTE: Assentos de casamentos da freguesia de Russas (1720-1820), livros 01 ao 02. (ADLN)

Os batismos de escravos em Aracati - 447 escravos e 417 escravas –, assim como o de livres, também iniciam-se no decênio de 1740, seguindo em números sempre crescentes e atingindo maiores índices na década de 1800. A partir de então, começam a decair. No caso dos batismos de forros, os do sexo masculino (11) iniciam-se apenas na década de 1780, aumentando em números nas décadas seguintes e caindo a partir da década de 1810. Contrariamente ao que se deu nos casamentos, o número de forras (22) tanto foi maior quanto começou a ser registrado antes dos forros, ou seja, a partir de 1750. Os números sofrem variações na sequência temporal, aumentam e diminuem no decorrer das décadas. (Tabela 3)

TABELA 3 - Sexo e condição social nos registros de batismos, freguesia de Aracati, 1740-1820

Décadas e sexo	Homens				Mulheres				
	Cond.	Liv.	Esc. *	For.	Total	Liv.	Esc. **	For.	Total
1740	26	8	-	-	34	25	12	-	37
1750	79	16	-	-	95	65	13	1	79
1760	199	26	-	-	225	188	20	2	210
1770	235	23	-	-	258	202	22	1	225
1780	690	36	2	-	728	648	34	7	689
1790	860	92	2	-	954	872	74	2	948
1800	993	126	4	-	1.123	942	129	4	1.075
1810	1.101	110	2	-	1.213	953	100	3	1056
0000	171	10	1	-	182	148	13	2	163
Total	4354	447	11	4812	4043	417	22	4482	
%	90,4	9,2	0,2	100	90,2	9,3	0,4	100	
Sem referência a sexo								44	
Total de registros								9.294	

FONTE: Assentos de batizados da freguesia de Aracati (1740-1820), livros 01 ao 14. (ADLN)

Se em Aracati o número de casamentos envolvendo escravos foi mais significativo do que em Russas, nos batismos a situação se inverteu. Em Russas, a população escrava batizada alcançou um número muito mais significativo do que em Aracati: 1.038 escravos e 1.029 escravas. Nessa freguesia, os escravos já começaram a ser registrados na década de 1730, com os dados sofrendo variações importantes no decorrer do restante do período em estudo: aumento significativo na década de 1750; queda nas duas décadas seguintes; subida dos índices no decênio de 1780; queda novamente no decênio seguinte; e crescimento nas duas últimas décadas. Os libertos, compostos por 22 forros e 24 forras, surgem na documentação na década de 1740 e variam em números e em decênios tanto quanto a inserção de livres e escravos na documentação. (Tabela 4)

TABELA 4 - Sexo e condição social nos registros de batismos, freguesia de Russas, 1720-1820

Décadas e sexo	Homens				Mulheres				
	Cond.	Liv.	Esc. *	For.	Total	Liv.	Esc. **	For.	Total
1720	3	-	-	-	3	4	-	-	4
1730	147	34	-	-	181	150	20	-	170
1740	248	30	4	4	282	219	37	1	257
1750	669	139	5	5	813	585	131	4	720
1760	532	106	3	3	641	514	117	2	633
1770	404	83	1	1	488	405	86	-	491
1780	727	150	3	3	880	675	152	-	827
1790	553	106	-	-	659	559	123	4	686
1800	728	170	3	3	901	670	179	1	850
1810	952	178	2	2	1132	951	133	10	1094
0000	233	42	1	1	276	209	51	2	262
Total	5193	1038	22	22	6.256	4941	1029	24	5.994
%	83	16,5	0,3	0,3	100	82,4	17,6	0,4	100
Sem referência a sexo									150***
Total de registros									12.400

FONTE: Assentos de batizados da freguesia de Russas (1720-1820), livros 01 ao 15. (ADLN)

A presença dos assentos de escravos nas duas ordens de registros e as oscilações com acréscimos regulares e/ou decréscimos nos períodos sugerem as mesmas conclusões para os índices populacionais gerais e as temporalidades inerentes aos períodos de 1700 a 1740, 1740 a 1780 e 1780 a 1820. Momentos marcados pelo

crescimento socioeconômico na capitania e pelas constantes secas, causando desequilíbrios econômicos e sociais, sobretudo em Russas. As condições que possibilitaram a compra de escravos também podem ter ensejado as compras e/ou doações de alforrias.

Com relação ao sexo dos escravos, os números não discrepam, embora apresentem uma pequena maioria para os escravos homens. Rafael Silva, em seu estudo sobre os sertões de Mombaça, no Ceará no século XVIII, constatou um razoável equilíbrio entre o sexo na população escrava, embora, ao contrário do verificado em Aracati e em Russas, com uma pequena maioria de mulheres (50%) em relação aos homens (46,73%).⁴ O equilíbrio entre os sexos, assim como a forte presença de crianças escravas, pode indicar uma reprodução endógena no elemento de condição escrava nas duas freguesias.⁵

No computo envolvendo ambos os sexos, a população escrava e forra ficou assim distribuída nas duas freguesias: nos casamentos de Aracati, 225 escravos e 28 forros; nos de Russas, 180 escravos e 20 forros. Nos batismos, Aracati registrou 864 escravos e 33 forros e Russas 2.067 escravos e 46 forros. Com relação aos libertos, nos casamentos de Aracati tem-se uma igualdade entre os sexos, já Russas apresenta uma maioria de forros homens. Nos batismos das duas freguesias verifica-se uma maior incidência de alforrias para as mulheres.

Estudos sobre diferentes espaços e arcabouço documental têm demonstrado que as mulheres eram maioria entre os libertos.⁶ Nos registros de casamentos, os números não sugerem que o gênero tenha tido influência significativa sobre a alforria concedida ou comprada nas freguesias em análise. Já em relação aos batizados, a diferença na maioria de meninas libertas chega ao dobro.

Para o caso da aquisição das alforrias para mulheres adultas, segundo Douglas Libby, existem explicações plausíveis que variam entre: a compra da alforria; artimanhas femininas de estabelecerem relações com homens livres e assim conseguirem suas

⁴ SILVA, Rafael Ricarte da. *Formação da elite colonial dos Sertões de Mombaça: terra, família e poder* (Século XVIII). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

⁵ Semelhante observação foi feita por Roberto Guedes em seu estudo sobre Porto Feliz. GUEDES, Roberto. *Egressos do Cativo: trabalho, família, aliança e mobilidade social* (Porto Feliz, São Paulo). Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2008.

⁶CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. cit.; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*; e LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da. "A presença do elemento forro no conjunto de proprietários de escravos". In: LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da; KLEIN, Herbert S. *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2009.

liberdades e de seus filhos; relacionamentos que a vasta maioria de cativas domésticas mantinham com seus senhores e senhoras, dentre outras. Essas possíveis explicações, contudo, não se ajustam aos casos das meninas forras na pia. Nesses casos, o autor concorda com perspectivas que apontam para relações paternalistas, tendo em vista que “a resistência feminina ao sistema tendia a ser mais silenciosa e sutil [...] do que a resistência masculina”. Daí, “a orientação particularmente masculina da dominação de senhores de escravos parece ter se estendido aos recém-nascidos, fazendo dos meninos candidatos à alforria menos desejáveis que as meninas”.⁷

Em termos proporcionais, sobretudo quando se leva em conta os batismos de escravos e forros, possivelmente Aracati ofereceu mais condições de alforrias. É bom lembrar que em todo o período analisado Aracati se constituiu como um dos principais portos de entrada e de saída de produtos da ribeira do Jaguaribe e demais ramificações da capitania cearense. Era muito menor em termos territoriais do que Russas, porém, as práticas comerciais mais consolidadas, as atividades públicas, os serviços especializados, davam a esta freguesia conotações urbanas mais acentuadas.⁸

Estudos têm demonstrado que atividades mais rentáveis, a exemplo da mineradora, bem como uma rede urbana mais consolidada, ao oferecer uma maior diversificação e melhores rendimentos forjados pelo comércio e serviços mais especializados, contribuíram para que os escravos tivessem mais condições de acumular pecúlio usado para comprar a alforria e isso, em parte, justificaria uma maior incidência de forros nas áreas urbanas.⁹ Em razão disso, acredito que a conformação

⁷ LIBBY, Douglas Cole. “À procura de alforrias e libertos na freguesia de São José do Rio das Mortes (c. 1750 - c. 1850). In: BOTELHO, Tarcísio R. e LEEUWEN, Marco H. D. Van. (Orgs.) *Mobilidade social em sociedades coloniais e pós-coloniais: Brasil e Portugal, séculos XVIII e XIX*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009, p. 26 e 27. (Coleção Obras em Dobras).

⁸ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, prefácio e comentários de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2003; GIRÃO, Raimundo. *História Econômica do Ceará*. 2^o Ed. Fortaleza. Programa Editorial Casa José de Alencar, 2000; VIEIRA JR. A. Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004; JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. A urbanização do Ceará setecentista – As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, 2007; NOGUEIRA, Gabriel Parente. *Fazer-se nobre nas fímbrias do império: práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748-1804)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010 e ROLIM, Leonardo Cândido. “O trabalho nas oficinas de carnes secas da Vila de Santa Cruz do Aracati: trabalhadores livres e escravos (1710-1799).” *Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó*. V. 10. N. 25, jan./jun.2009, p. 7. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. Acesso em: 30/10/2014.

⁹ Ver, dentre outros: LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da. “A presença do elemento forro no conjunto de proprietários de escravos”. In: LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci del Nero da; KLEIN, Herbert S. *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2009; PAIVA, Eduardo França.

socioeconômica mais complexa em Aracati, diferentemente de Russas, mais voltada para as práticas agropastoris, aumentou as possibilidades de compras e/ou doações de alforria para homens, mulheres e principalmente crianças.

Rakel Galdino, em seu estudo sobre *Mulheres escravas e forras na Ribeira do Acaraú (1750-1788)*, constatou que a maior diversificação e os melhores rendimentos proporcionados pelo pequeno comércio e serviços mais especializados em algumas localidades pesqueiras e, sobretudo, vilas como as de Granja e Sobral contribuíram para que os escravos tivessem maior autonomia, circulação, contatos com outros escravos e pessoas livres e, de certa forma, elencassem melhorias nas péssimas condições de vida.¹⁰ Certamente, por compra ou por doação, a soma de todos esses elementos contribuiu para a libertação de escravos na ribeira do Acaraú.

Todavia, haja vista os trânsitos socioeconômicos entre fazendas, povoados e vilas, entre o rural e o urbano, é preciso deixar claro que, segundo Douglas Libby, quando se fala em maior número de alforrias concedidas nos centros urbanos, não se pode perder de vista “as ambiguidades na definição do que se constituía um centro urbano durante a Colônia e o Império – entre as quais as frequentes indistinções entre as áreas rurais e urbanas”, posto que “geralmente as próprias fontes não são nada claras com relação à residência verdadeira dos escravos recebendo a alforria”.¹¹

Não tenho qualquer informação sobre as formas de alforrias dos nubentes. Na documentação de batismo, encontrei alguns casos de alforrias com a informação “forro(a) na pia” e quantidades pagas por essas libertações. Com relação aos forros em Aracati, dos 33 casos, seis trazem evidência de alforrias na pia e apenas três dos registros fazem referência ao pagamento recebido no valor de 25 mil réis. Os demais assentos se referem a crianças com dias de nascidas ou designadas de “parvulas”. Em Russas, as alforrias registradas nos batismos aludem a 24 casos (mais de 50%) de alforrias concedidas na pia batismal. Desses, sete trazem referência a pagamento, cujos valores variavam entre 20 mil réis e 25 mil réis e um caso de 30 mil réis. Dos 46 batismos de libertos, 10 foram realizados na matriz. Em Aracati, constatei que, dos 33 registros de

Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001; e FÁRIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial.* Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1998.

¹⁰ GALDINO, Maria Rakel Amancio. *Mulheres escravas e forras na Ribeira do Acaraú (1750-1788)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013, p. 176 a 178.

¹¹ LIBBY, Douglas Cole. Op. Cit. p. 22.

batismos, 18 também foram realizados na matriz. Os demais casos foram realizados nas capelas e fazendas das freguesias.

Os batismos de Aracati, ao contrário dos de Russas, sugerem que as alforrias de crianças aconteceram em sua maioria no centro urbano da vila. Esse dado, contudo, não esclarece nada em relação à residência verdadeira dos escravos, isto é, se em áreas rurais ou urbanas. Mais uma vez em diálogo com Libby, “é perfeitamente possível imaginar que os paroquianos, inclusive os escravos, preferissem batizar suas crianças na Matriz em vez de suas capelas curadas locais”. No caso das alforrias, isso tinha uma justificativa, pois, tendo o assento de batismo peso legal (o registro equivalia à carta de alforria registrada em cartório), “pode-se presumir que a presença do vigário, em vez dos capelães ou de outros clérigos fosse considerada especialmente desejada”.¹²

Por hora, sobre as alforrias gostaria de destacar ainda que, apesar do pouco número de libertos em relação ao número de escravos e principalmente de livres nas freguesias de Aracati e de Russas, os dados nos permitem pensar com o Roberto Guedes, em estudo sobre a vila Porto Feliz, São Paulo na primeira metade do século XIX, ao afirmar que “a ascensão social era corriqueira, se se entende alforria como mobilidade social”.¹³ Ora, “numa sociedade onde a escravidão era a norma, e a desigualdade era o princípio básico, a alforria era o início da diferenciação social para os escravos”. Por ser a manumissão uma concessão senhorial, a alforria se expressa “na estabilidade, que não elimina tensões, se dá pela troca equitativa entre escravos e senhores”.¹⁴

Em outras palavras, posto que a escravidão como é “uma instituição que implica na aquisição de direitos sobre o próprio corpo da pessoa, e não apenas sobre seu trabalho”,¹⁵ mover-se socialmente da condição de escravo a de liberto significa dizer que “a liberdade é um processo de conquistas, que pode ou não ser alcançada durante o correr de uma vida”.¹⁶ Por fim:

A recorrência das alforrias entre os escravos e seus filhos é um dos melhores exemplos do emprego de artimanhas e estratégias, do estabelecimento de acordos com os senhores e de uma autonomia que eles conquistaram no cativeiro e que levaram para a vida pós-manumissão. Cada nova liberdade alcançada e orgulhosamente ostentada no espaço público integrava teias de

¹² Idem, p. 21 e 23.

¹³ GUEDES, Roberto. Op. cit. p. 25.

¹⁴ Idem, p. 183.

¹⁵ CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998, p. 311.

¹⁶ Idem, p. 214

comunicação e de aprendizado e incentivava o estabelecimento de novos acordos, assim como a demonstração de novas conquistas.¹⁷

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de escravos e forros na documentação paroquial das freguesias de Aracati e Russas, no período de 1720 a 1820, nos reporta ao “equívoco histórico” no qual se postulou a não existência ou pouca expressividade da escravidão negra no Ceará.¹⁸ Visões historiográficas sobre escravidão negra no Ceará em muito se constituíram a partir de perspectivas pautadas nos antagonismos que teriam formado o Brasil, a exemplo dos escravocratas produtores de açúcar do litoral, grandes proprietários de escravos, em contraposição aos criadores de gado do sertão: “o antiescravocrata ou indiferente aos interesses da escravidão representado pelo Ceará em particular, e de modo geral pelo sertanejo ou vaqueiro”.¹⁹

O antiescravismo sertanejo e/ou a pouca expressividade de escravos no Ceará, a meu ver, também não pode soar de forma simplista. Afinal, pouca expressividade em relação a quê? Claro está que se compararmos o número de escravos no Ceará com outras realidades socioeconômicas, a exemplo dos grandes plantéis formados nas áreas canavieiras, mineiras ou cafeeiras, temos sim um reduzido número. O que não justifica negar/esconder não só a presença desse contingente populacional, como também, suas “origens”, “qualidades”, “condições sociais”, arcabouço cultural e relações travadas na constituição socioeconômica cearense.

As relações no trabalho, conformadas no bojo das convivências entre pessoas de condições sociais variadas, seja nos espaços das moradias, no manejo e/ou comercialização dos rebanhos em trânsito pelos sertões com destino aos mercados e feiras pernambucanas e baianas ou em direção à foz de suas próprias ribeiras para a fabricação e comercialização dos produtos advindos do gado - carnes secas, couros,

¹⁷ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, Op. cit. p. 212.

¹⁸ Sobre a crítica historiográfica envolvendo essa questão ver: FUNES, Eurípedes Antonio. “Negros no Ceará.” In: SOUZA, Simone de (org). *Uma Nova História do Ceará*. 4º Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Global, 2006, p. 93.

peles -, seja nas lavouras de algodão e outros gêneros agrícolas, como também na indústria rural doméstica, são elementos preponderantes para compreensão de como essa sociedade foi definindo valores, elencando conquistas e resistências, se entrecruzando, se miscigenando biológica e culturalmente.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.
- CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. cit.; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Op. cit.; e LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da. "A presença do elemento forro no conjunto de proprietários de escravos". In: LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da; KLEIN, Herbert S. *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Global, 2006.
- FUNES, Eurípedes Antonio. "Negros no Ceará." In: SOUZA, Simone de (org). *Uma Nova História do Ceará*. 4º Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- GALDINO, Maria Rakel Amancio. *Mulheres escravas e forras na Ribeira do Acaraú (1750-1788)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
- GIRÃO, Raimundo. *História Econômica do Ceará*. 2º Ed. Fortaleza. Programa Editorial Casa José de Alencar, 2000.
- GUEDES, Roberto. *Egressos do Cativo: trabalho, família, aliança e mobilidade social (Porto Feliz, São Paulo)*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2008.
- JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. *A urbanização do Ceará setecentista – As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, 2007.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, prefácio e comentários de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2003.
- LIBBY, Douglas Cole. "À procura de alforrias e libertos na freguesia de São José do Rio das Mortes (c. 1750 - c. 1850)". In: BOTELHO, Tarcísio R.; LEEUWEN, Marco H. D. Van. (Orgs.) *Mobilidade social em sociedades coloniais e pós-coloniais: Brasil e Portugal, séculos XVIII e XIX*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009. (Coleção Obras em Dobras)
- LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da. "A presença do elemento forro no conjunto de proprietários de escravos". In: LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci del Nero

da; KLEIN, Herbert S. *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2009.

NOGUEIRA, Gabriel Parente. *Fazer-se nobre nas fímbrias do império: práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748-1804)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

PAIVA, Eduardo França. *Dar nome ao novo: uma história lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. Belho Horizonte: Autêntica, 2015.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001; e FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1998.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

REZENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios brasílicos: índios coloniais em Minas Gerais setecentista*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003.

ROLIM, Leonardo Cândido. "O trabalho nas oficinas de carnes secas da Vila de Santa Cruz do Aracati: trabalhadores livres e escravos (1710-1799)." *Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó*. V. 10. N. 25, jan./jun.2009, p. 7. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. Acesso em: 30/10/2014.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *História da escravidão no Ceará: das origens a extinção*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

SILVA, Rafael Ricarte da. *Formação da elite colonial dos Sertões de Mombaça: terra, família e poder (Século XVIII)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

VIEIRA JR. A. Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

Elisgardênia de Oliveira Chaves

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
